

# A hipótese lacaniana

Colette Soler

A hipótese lacaniana consiste em que a linguagem tem efeitos de inconsciente. Aqui, a autora argumenta que desta premissa se segue todo o pensamento do psicanalista francês.

**H**á muitas formas de abordar a psicanálise, e haveria muito que dizer a respeito de Jacques Lacan. Do homem, pintaram-se mil e um retratos contrastantes, sinal de uma transferência generalizada sobre sua pessoa. Tomando por tema a hipótese lacaniana, tomo uma via mais árida para falar da Psicanálise e da contribuição de Lacan.

Este título nos coloca hoje no nível da coerência racional, das contribuições de seus ensinamentos. Tal escolha pareceu-me apropriada ao enquadre – pós-graduação – e está, em todo caso, perfeitamente de acordo com o Lacan que conheci, ao mesmo tempo na análise, na supervisão e nos seminários. Era um homem totalmente ocupado pela psicanálise, à sua mesa de trabalho das 6 horas da manhã às 8 horas da noite e, se co-

metia qualquer excesso, era o de dedicar a ela uma parte excessiva de suas noites.

A hipótese lacaniana – pois é evidentemente uma hipótese, e eu a ponho no singular, ainda que ela seja na realidade ramificada – é uma hipótese extraída do discurso analítico, fundada sobre a experiência analítica. A experiência analítica, como vocês sabem, tem um alcance e conseqüências muito maiores do que a consideração dos indivíduos tomados um a um.

Começarei por frisar que os tempos modernos – que começam a não ser tão modernos, desde o tempo

**Colette Soler** foi íntima colaboradora de Lacan desde os tempos da École Freudienne de Paris. Esta conferência foi pronunciada em 16 de março de 2001, no curso de pós-graduação da Universidade de Toulouse-le-Mirail. Tradução: Mania S. Deweik. Revisão: Renato Mezan e Dominique Fingermann

em que deles falamos – são caracterizados pela aparição da ciência.

A ciência não deixa de repoussar sobre fundamentos metafísicos, contrariamente ao que ela imagina a seu próprio respeito, e sobre isto creio que é preciso apoiar-se no que Heidegger pensou em contraposição a Kant. Com efeito, contrariamente ao que pensou Kant, há uma metafísica da ciência. Se pudéssemos resumir com uma fórmula as aplicações metafísicas da ciência, poderíamos dizer que a ciência trata deliberadamente toda realidade, qualquer que seja, como Objeto a conhecer e, é preciso acrescentar, a conhecer para dominar. Descartes

a mais a ser conhecido. É certo que incluía seu corpo, uma vez que escreveu um *Tratado das Paixões* onde falha em pensar, além da categoria do entendimento, o corpo vivo. Mas é provável que, se ele tivesse podido responder a uma questão que ninguém podia lhe formular, teria respondido que não incluía o sujeito em si na natureza a conhecer e a dominar. Incluir o sujeito na natureza a conhecer e a dominar é o passo transposto no fim do século XIX e no começo do século XX, porque a partir daí passa-se a denominar as ciências de humanas, e seria melhor denominá-las ciências inumanas.

vismo. Qual é o projeto destas duas ciências, que tomam por objeto estudar o humano como um objeto? O projeto declarado é estudá-lo como um objeto, ‘curto-circuitando’ toda e qualquer intencionalidade, e propondo um postulado de determinismo objetal no próprio nível daquilo que denominamos humano. É verdade que, desde o começo do século, houve uma evolução na ciência: mesmo na física, onde o determinismo se mantém mais firme, existem as teorias do caos, isto é, tentativas de incluir no cálculo científico a dimensão do aleatório, do imprevisível. Não estamos mais, portanto, no determinismo um tanto bobo de Pavlov. Contudo, a ambição da ciência continua sendo a redução integral de todo o real ao cálculo.

Qual a posição da psicanálise, com Freud? Para resumir, pode-se dizer que, em Freud, há dois postulados. O primeiro diz respeito ao método freudiano de deciframento. Quando algo não dá certo para um sujeito – uma fórmula para designar o sintoma –, quando algo atravessa o bom funcionamento de um indivíduo, e que ele o experimenta como tal, isto pode ser decifrado e ser resolvido pelo deciframento. O postulado que este método de deciframento implica é que os fenômenos mais bizarros, os sintomas mais incômodos, e que no final das contas parecem ser os mais irracionais, não são sem lei: são regulados. Dito de outra forma, na desordem do sintoma, o que reina não é o caos, é uma ordem decifrável. Este aspecto do método freudiano liga o freudismo à ambição da ciência, uma vez que ela postula que o real, aí incluído o real do sintoma, é racional.

Um outro postulado de Freud aponta para outra direção: apesar de esta idéia ter-se vulgarizado, Freud não crê no determinismo subjetivo. Ele sempre sustentou a idéia de que o sujeito é responsável mesmo no seu sintoma. Dito de outra forma, ele nunca suspendeu o jul-

**S**e pudéssemos resumir  
com uma fórmula as aplicações metafísicas  
da ciência, poderíamos  
dizer que a ciência trata deliberadamente  
toda realidade, qualquer que seja,  
como Objeto a conhecer e,  
é preciso acrescentar, a conhecer  
para dominar.

estava exatamente, neste sentido, no espírito da ciência quando dizia: “tornar-me senhor da natureza”. O que se poderia perguntar então a Descartes é se ele, Descartes, se incluiria na natureza como um objeto

De fato, no início do século, vemos emergir duas tarefas antinômicas e contemporâneas: de um lado Freud e a psicanálise, de outro as ciências ditas humanas; de um lado o behaviorismo, e de outro o pavlo-

gamento ético em nome das leis do campo que explora. A cientificidade na psicanálise não reduz a ética a zero.

Reencontramos estes dois postulados em Lacan. Não somente ele acentuou bastante o segundo, o postulado ético, como foi ele quem o

gum, que a loucura fosse determinada por regulações orgânicas, cerebrais ou psíquicas. Poderíamos formular este segundo postulado da seguinte forma: o efeito-sujeito – irei defini-lo logo mais – é ineliminável, ineliminável para tudo o que diz respeito à abordagem do que é “hu-

to de vista lógico, ou seja, um ponto de limite do calculável.

### O traumatismo

Tomemos o efeito-sujeito no traumatismo. Para dar uma definição genérica do traumatismo, pode-se dizer que é um mau encontro, alguma coisa, qualquer que quer que seja, que se impõe a você, que o ultrapassa, que o esmaga, de uma forma ou outra. Neste momento, surge um desentendimento, não se entende nada. Podem ser muitas coisas: uma inundação, um terremoto, os horrores da guerra ou da violência. Há muitos traumatismos. O problema é que percebemos – quando podemos perceber – que, ainda que não sejamos responsáveis pelo real que sobre nós desaba, a resposta dos indivíduos não é uniforme. Há um efeito-sujeito na resposta ao traumatismo. Ofendemos certas pessoas, e aí está aí um traumatismo! Há também os que atravessam provações fantásticas e ficam sempre na superfície. É um fato banal.

Desde o início, a psicanálise ocupou-se da noção de traumatismo, mas não o traumatismo das catástrofes naturais. Interrogue um sujeito no divã, e você encontrará forçosamente as lembranças que Freud considerava traumáticas, ou seja, lembranças ao mesmo tempo inescrutáveis e inassimiláveis, que continuam a produzir seus efeitos mesmo com o passar do tempo. O nome do trauma, já que o trauma tem um nome, é o sexo. Ao decifrar o sintoma, Freud desvela um traumatismo ligado ao sexual, pelo menos ligado ao gozo que se crê sexual.

Lacan não refuta a tese freudiana: ele a generaliza. Mas expõe um outro nome do traumatismo, uma outra causa, que é o traumatismo causado pelo discurso do Outro. O Outro não é o seu semelhante. Para um sujeito, são figuras do Outro aqueles a quem endereça uma de-

Lacan não refuta a tese freudiana:  
ele a generaliza.

Mas expõe um outro nome do traumatismo,  
uma outra causa, que é o  
traumatismo causado pelo discurso  
do Outro.

formulou explicitamente. É uma idéia que nunca o abandonou e que encontramos desde o início de seus ensinamentos.

Lacan era psiquiatra antes de ser psicanalista; ocupava-se da loucura, como ele mesmo dizia, e, desde o início, insistia a respeito da dimensão da liberdade. Nos anos trinta e quarenta, este termo talvez não tivesse exatamente as mesmas conotações que tem hoje para nós; levar em conta a dimensão não-eliminável da liberdade para compreender a loucura humana significava que ele não considerou, em momento al-

mano”. Coloco “humano” entre aspas porque o termo não é muito satisfatório.

O que é o efeito-sujeito? Chamamos efeito-sujeito o que eu evocava há pouco como dimensão ética, a saber: que quaisquer que sejam as leis que determinam o sistema, há algo de incalculável e de imprevisível. Isto não é somente verdade em psicanálise; é também verdade na lógica e na matemática. Eis por que Lacan usou o teorema de Gödel sobre a incompletude e a inconsistência dos sistemas para ali reconhecer um efeito-sujeito do pon-

manda. Um sujeito que fala em análise convoca inevitavelmente, repetitivamente, as figuras de seus Outros originários. Quando as famílias têm estrutura mais ou menos habitual, é o pai, é a mãe. Quando as famílias se desfazem e tomam outras configurações, são os seus substitutos. Reencontramos tais figuras originárias convocadas de forma precisa, ainda que não exclusiva, sob a forma de palavras traumáticas. As palavras ditas, as palavras esperadas e as nunca ouvidas. Isto deixa nos sujeitos uma marca frequentemente indelével, no coração da subjetividade, se não como uma ferida, ao menos como marca determinante. Neste ponto, o efeito-sujeito é muito poderoso, porque, dentre tudo o que proferiram os outros, o sujeito fez sua escolha, reteve o que fez “click” para ele.

Primeiramente, como se articulam o traumatismo sexual e o traumatismo do discurso do Outro? A junção entre estes dois traumatismos é a estrutura da linguagem. Outra questão é: como o sujeito é imanente aos dois traumatismos? A despeito da referência ao traumatismo, a psicanálise não é um determinismo e, contrariamente ao que dela se extraiu, não traz nenhuma circunstância atenuante ao sujeito.

Começo por algumas considerações sobre o traumatismo do discurso do Outro. A que se deve ele? Por que o discurso do Outro deixa tal marca? O sujeito que vem para a análise se crê chocado pelo que lhe disseram, pelo conteúdo das palavras e especialmente pelas más palavras. Com efeito, para o menino que ouve de seu pai repetidamente: “você não passa de um fedelho, de um idiota”, não é muito encorajador entrar na vida. Igualmente para aquele que de seu pai nunca obteve uma palavra, nem a favor, nem contra. Idem para aquele que ouve de seu pai “você será isto ou nada”, etc. Acreditamos, portanto, que é o conteúdo, as más palavras ou o silêncio. Mas a experiência ana-

lítica mostra outra coisa: as boas palavras são igualmente traumáticas. Quando um sujeito diz: “sempre me disseram que eu era muito bonita, a mais bonita”, vê-se o efeito-sujeito que registrou este elogio como algo persecutório. Ou então, algo muito consistente no discurso que vem do Outro, por exemplo, o anúncio do sucesso do sujeito – “ele ou ela será alguém na vida” – pode engendrar inibições para a vida toda, porque o sujeito não pode realizar as palavras recebidas.

É preciso então tentar compreender qual é o poder traumático das palavras, independentemente de seu conteúdo. O que traumatiza é a

sujeito”, é uma expressão de Lacan. A atribuição, quer seja boa ou má, alfineta-o, fixa-o, o reduz a ser apenas este significante, apenas esta palavra que define. Se quiserem um exemplo, lembrem-se do Homem dos Ratos quando criança que, um dia, furioso contra seu pai, querendo ofen-dê-lo e não tendo palavras de injúria, diz qualquer palavra: “Você lâmpada, você toalha, você...”, não sei mais a série. Temos a intuição de que a palavra é injúria para o sujeito. Portanto, toda atribuição reduz um ser ao que o Outro lhe significa ser. Ao mesmo tempo, alfinetando-o a este termo, a atribuição recusa ao sujeito todos os

Alfinetando-o a um  
termo, a atribuição recusa ao  
sujeito todos os outros significantes,  
todos os outros atributos,  
o que faz com que, a partir do  
momento em que o  
sujeito recebe uma palavra  
atributiva, se veja dividido entre a palavra  
recebida e todas  
as que ficaram em suspenso.

atribuição, e toda atribuição significante, sob a forma elementar de “Pedro ou Joana é isto ou aquilo”. “Toda atribuição faz injúria ao

outros significantes, todos os outros atributos, o que faz com que, a partir do momento em que o sujeito recebe uma palavra atributiva, se veja

dividido entre a palavra recebida e todas as que ficaram em suspenso. O terceiro traço é que, qualquer que seja o significante com o qual revestimos o sujeito, ele não alcança o que é, realmente, sem o ser.

As reações dos sujeitos a este fato são muito diversas, segundo suas estruturas clínicas. As estruturas que reage de forma mais violenta, se posso dizer, à atribuição da linguagem, inevitável a partir do momento em que se ingressa na palavra, é a histeria, na medida em que a estrutura atributiva da linguagem tem por resultado que o sujeito falante não possa alcançar na linguagem o que ele é realmente: só pode dizer o que é, como aponta Lacan, barrando tudo o que ele significa. Dito de outra forma, só pode fazê-lo pela via da negatividade, cuja fórmula banal seria: “eu não sou aquele ou aquela que vocês crêem”. Digamos que o sujeito só pode se posicionar contra os significados do Outro, dizendo “não!”! “não!” à atribuição.

Bem. Estou abordando então a hipótese lacaniana através da hipótese do traumatismo do discurso. A fórmula da hipótese lacaniana não é a mais bem conhecida: “o inconsciente está estruturado como uma linguagem”, fórmula que corre por todo lado como sendo a tese de Lacan. Esta fórmula é imprescindível para explicar o método freudiano, método de deciframento, pois, por definição, somente a linguagem se decifra.

O primeiro tempo da hipótese lacaniana é: “O inconsciente é um efeito de linguagem.” Não é uma linguagem, não opera com procedimentos de linguagem, mas é um efeito de linguagem. Dito de outra forma, não há inconsciente possível, pensável, para um ser que não for tomado pela linguagem. Isto não significa que não haja opacidade no mundo animal, lá onde isso não fala; mas a opacidade em questão não é da ordem do inconsciente. Não há recalçamento pensável a não ser a

partir de um ser tomado pela linguagem, desde antes mesmo de seu nascimento.

O primeiro tempo da hipótese lacaniana é: "O inconsciente é um efeito de linguagem." Não é uma linguagem, não opera com procedimentos de linguagem, mas é um efeito de linguagem.

A partir desta primeira afirmação “o inconsciente é um efeito de linguagem”, há no ensinamento de Lacan muitas etapas e muitas fórmulas que tentam rebatizar o inconsciente. É um fracasso. O que Freud denominou “inconsciente” chamar-se-á sempre “inconsciente”, apesar de Lacan ter desejado que se denominasse de outra forma. No entanto, o efeito de linguagem que pode-

ria rebatizar o inconsciente tem um nome próprio: é o sujeito, que Lacan denomina de sujeito falante, ou às vezes de sujeito do inconsciente, ou de sujeito dividido. Lacan retomou um termo, o sujeito, que não vem da psicanálise, mas da filosofia grega, e que ele tentou subverter à luz da experiência analítica. Um outro nome para o efeito de linguagem poderia ser pulsão. Lacan forjou um outro termo, *parlêtre*<sup>1</sup>, que designa o sujeito enquanto possuidor de um corpo. O *parlêtre* não é um ser que fala, mas um ser transformado pelo fato de falar. É o que postula a fórmula “o inconsciente é um efeito de linguagem”: a linguagem é causal.

Acredita-se espontaneamente que a linguagem tenha funções de uso, servindo para fins – grosso modo – de comunicação. É verdade que usamos a linguagem para comunicar; é um uso da linguagem que não é eliminável da vida social. Existem também finalidades de comando, de expressão das emoções, dos afetos. Mas estes fins, comando, comunicação, expressão, seguramente não esgotam as funções da linguagem; em todo caso, esta não é a idéia de Lacan.

### A linguagem como operador

Para Lacan, a linguagem não é um órgão para representar o sujeito, suas intenções ou suas emoções. Ele tece a hipótese de que a linguagem é um operador que transforma o real. Este é o cerne da hipótese lacaniana. É a idéia que este ser vivente que é a criança do homem se transforma, no nível do real, através de sua entrada na linguagem. Esta hipótese não está na moda na civilização atual, mas polemiza com todo um século.

Qual o efeito de operador da linguagem sobre o ser vivo? Primeiramente, transformar o ser vivo em sujeito. Em segundo lugar e, correlativamente, produzir pulsões.

Começo com algumas observações sobre o bebê, aquele que não fala, mas de quem já se fala. O que o caracteriza? Uma expressão de Jean-Jacques Rousseau, que não é utilizada para o bebê, o diz muito bem: ele é está “inteiramente entregue ao seu ser atual”. Isto significa que, para ele, a dimensão do alhures com a qual sonhamos, da outra vez que lembramos, do amanhã que tememos ou a que aspiramos, enfim, a dimensão de tudo o que não está lá, não existe para o bebê. J.-J. Rousseau sonhava chegar a estar inteiramente entregue a seu ser atual. Evidentemente, isto é impossível para aquele que fala, porque ele é atormentado pela memória e pela antecipação: é o que Rousseau chamava “imaginação”. O ser inteiro em seu ser atual é um ser inteiramente no real, ou seja, que não foi ainda marcado pelo corte do significante. Atribuo a tal fato as reações tão diversas reações que os adultos têm em relação às crianças: ou os bebês nos fascinam, nos causam adoração, temos vontade de mordiscá-los, ou então eles nos inspiram certa repulsa, ou distância.

Como a linguagem barra o pequeno animal humano, a ponto de que a entrada na linguagem seja uma saída do natural? Pelo viés da demanda articulada. Isto implica o registro das necessidades vitais, porque, se a criança começa a pedir, é porque suas necessidades vitais devem ser satisfeitas pelo outro. Mas na demanda, a oferta do outro tem uma posição-chave. Com efeito, no início da vida de uma criança as exigências corporais do Outro, as exigências sobre a oralidade, sobre a analidade, sobre o comportamento dos semelhantes no nível invocante e no nível visual, são dominantes.

Há dois efeitos desta barra sobre o ser vivo. O primeiro é um efeito de esvaziamento. A linguagem introduz vazio no real, isto é, falta, perda. Para Freud, a insatisfação é o componente primeiro, inalienável

do psiquismo. Isto se deve à perda e, entre outras, à perda de toda presença do ser atual. Evidentemente, não é a linguagem que nos torna mortais; a morte é uma perda introduzida no real, mas é a linguagem que nos passa o sentido da morte, da ausência também, da outra coisa, do alhures, onde se mantém o clamor do “isto não é isto”, que no *parlêtre* responde a todas as satisfações obtidas. A linguagem violenta o real: este é o primeiro efeito.

O segundo efeito é que ela fragmenta o gozo, e é neste sentido que gera pulsões. Ela não as gera a partir de si mesma, mas a partir das necessidades que se podem chamar de vitais, que, pelo fato de entrar em

veis no corpo, e que ocupam a pequena perversa polimorfa que é a criança. É por este motivo que Lacan não deixou nunca de batalhar pela tradução da palavra alemã *Trieb* por “drive” e não por “instinto”. A tradução francesa por “pulsão” tem o mérito de se distinguir da necessidade, mas conota o impulso que se encontra também na necessidade. Precisamente, a pulsão é o que é gerado a partir da necessidade, sob o efeito da linguagem.

Portanto, dois efeitos da linguagem. Primeiro efeito: a falta. Quem diz falta, diz desejo, aspiração, metonímia. Segundo efeito: retalhamento das pulsões. Isto quer dizer que a erotização do corpo permanece an-

A linguagem fragmenta o gozo,  
e é neste sentido que gera pulsões. Ela não  
as gera a partir de si mesma,  
mas a partir das necessidades que  
se podem chamar de vitais, que, pelo  
fato de entrar em contato e  
de se colar à demanda do Outro,  
se acham parcializadas.

contato e de se colar à demanda do Outro, se acham parcializadas. Freud as descobriu quase ao mesmo tempo que a insatisfação primeira, aquilo que designou como pulsões parciais auto-eróticas, localizá-

corada na oferta do Outro, que a constituição da oralidade, da analidade, do voyeurismo, das pulsões invocantes, deve algo às ofertas do Outro. O auto-erotismo da criança, a parcialidade das pulsões, foi uma

grande descoberta em 1905, quando Freud publicou seus *Três Ensaí- os*. Hoje isto é uma banalidade.

É isto o traumatismo sexual? Bem, não! O auto-erotismo do pe- queno perverso polimorfo – e mes- mo do grande – não é, de forma alguma, traumático. Ele é apenas insatisfatório, e é preciso mais do que isto para fazer um trauma. O que é traumático é o hetero-erotis- mo. Quando deciframos os sintomas neuróticos, chegamos sempre ao problema do casal. Nesta passagem se declinam as pulsões parciais, mas o problema é o do casal ho- mem-mulher. No cerne da descoberta de Freud há a idéia do que ele denominou cena primária, uma cena sobre um casal imaginário, sexuado, que se acha no coração do incons- ciente. O que é traumático aqui é o gozo que o sujeito encontra de sur- presa, que ele espregueira ou que o interroga. Ao gozo das pulsões par- ciais não se chega por surpresa: ele é tomado, regulado pela palavra do Outro. O que não está tomado nela é o gozo do casal sexual; ele é o ponto de silêncio. Nem a promessa da conjugalidade, nem as imagens da cópula dizem do mistério do gozo. Este mistério está inscrito no cerne do ser falante. O discurso diz muitas coisas, menos esta. Não há meio de evitá-lo. Com a evolução dos costumes, a televisão e a edu- cação sexual, revela-se hoje às cri- anças o que eu chamaria de gestua- lidade do ato sexual. Há um século viam-se sujeitos que chegavam aos doze anos antes de saber esta ges- tualidade do ato sexual. Hoje, na escola maternal, todas as crianças a conhecem. Mas isto não muda nada.

Freud pensava que os neuróti- cos, mas não todos os sujeitos, eram traumatizados pelo sexo, mas isto faz parte dos seus preconceitos de homem do século XIX. A tese de Lacan generaliza o trauma sexual no sentido de que ele depende apenas parcialmente do encontro. Claro, ele se matiza segundo as conjunturas pelas quais o sujeito encontra o pro-

blema do gozo sexual do Outro, mas a carência do casal dos gozos na linguagem vale para todo sujeito falante. O gozo não faz ligação com o semelhante, com o Outro, nem

gozos, mas rege o que supre cada um, ao sabor dos encontros.

Tomemos o exemplo do Ho- mem dos Lobos. Como homem ele está ligado à mulher, mas não a

A linguagem transforma portanto o  
real do ser falante,  
o faz *parlêtre* exilado do que seria  
o gozo mítico, gozo do casal sexual, não sem  
modalidades substitutivas,  
a que denominamos sintoma.

mesmo o gozo do ato sexual, do qual se esperaria um vínculo. O go- zo não faz mais vínculo do que a dor física; nem um nem outro se divi- dem. Freud dizia isto de forma di- vertida, dizendo que “a alma se fe- cha sobre o buraco negro do mo- lar”, para dizer que o gozo do cor- po corta o laço social. Os corpos en- quanto gozam não estão ligados entre si. Somente a linguagem pode acoplá-los, e isto acoplando signifi- cantes. É preciso um discurso para fazer liga entre dois corpos. Se eu digo “homem”, imediatamente “mu- lher” estará por perto.

O traumatismo é estrutural, mas a solução do traumatismo é, atra- vés da linguagem, singular a cada sujeito. A linguagem traz um impos- sível: ela não pode inscrever os dois

qualquer uma. É preciso acrescen- tar algumas outras imagens signifi- cantes: a mulher agachada no chão como criada, tal como ele a viu quando tinha três anos e, metonimi- camente, as mulheres que têm uma posição servil. Ele imita a cena de origem. A primeira emoção sexual rememorada diante da criada fixa para sempre o esquema de seu re- lacionamento à parceira feminina. Vocês vêm assim que o casal de significantes não é padrão; ele é sin- gular, e tem por fonte os encontros. A linguagem causa carência, traus- matismo, e determina para cada um e para cada uma a escolha do par- ceiro e as modalidades de gozo com ele. É a repetição. A repetição é impensável sem a estrutura da lin- guagem, que traz de volta sempre

os mesmos signos correlatos aos mesmos gozos. Não existe nada disto no animal; há apenas o retorno de ciclos idênticos, próprios à espécie. No homem, no *parlêtre*, há esta insistência singular do que se inscreve pelo encontro.

A linguagem transforma portanto o real do ser falante, o faz *parlêtre*, exilado do que seria o gozo mítico, gozo do casal sexual, não sem modalidades substitutivas, a que denominamos sintoma. Poderíamos então pensar que é uma hipótese acerca a respeito dos dramas do amor, ou antes, dos dramas do casal, que dizem respeito à esfera ín-

## Consequências

Começo pelo primeiro ponto. Vocês sabem que sempre foi uma questão na psicanálise, para Freud e para seus seguidores, saber se há uma ligação, um nó, uma articulação entre o inconsciente, enquanto singular, próprio de cada um, de tal ou tal sujeito, e as conjunturas da cultura, daquilo que Freud chamava de civilização. Esta questão estava colocada desde o início, e fez emergir a noção de inconsciente coletivo à qual Jung deu um destino. Tanto Freud quanto Lacan ne-

sintomas no sentido mais amplo – as práticas sexuais que suprem a ausência de uma relação – mudam de acordo com as épocas, com a civilização e com a cultura. Há uma ligação entre a causalidade inconsciente e o estatuto dos discursos. Os sintomas que mudam são sobretudo os da histeria, a estrutura mais sensível à história, a ponto de Lacan acabar por escrever “hystoire”<sup>2</sup> para dizer que, a partir do momento em que há história, há histeria.

Na hipótese de Lacan, os corpos naturais não fazem laço, e, para fazer laço entre os corpos, para fazer laço social, é necessária a linguagem, que faz copular os significantes entre eles. Neste sentido, todos os laços sociais são regulados a partir da linguagem. Se não fossem regulados, não haveria civilização. Isto levou Lacan a designar os laços sociais com o termo de *discurso*; discursos não para designar o blábláblá, mas o fato dos relacionamentos entre os corpos serem regulados através das relações entre os significantes da linguagem. O bebê que evoquei há pouco, quando está entregue a seu ser atual, cai num mundo já organizado cujas regras irá aprender. Se a linguagem é um operador que transforma o ser vivo e que condiciona seus vínculos a outros vivos, então não é apenas o inconsciente individual que está “estruturado como uma linguagem”, mas a própria civilização é estruturada pela linguagem.

A segunda consequência da hipótese lacaniana é epistêmica, e eu achei oportuno, num espaço de pós-graduandos, terminar com este ponto. A linguagem, ao introduzir estes cortes no gozo do ser vivo, ao dirigir também, como auxiliar, os gozos acessíveis, repetitivos, parciais e insuficientes, mas possíveis, dirige a libido. Esta inscrição corporal da linguagem tem um avesso. É que a linguagem, para o *parlêtre*, é investida pela libido. Dito de outra forma, a primeira parte da hipótese afirma que é preciso o significante

A linguagem, ao introduzir estes cortes no gozo do ser vivo, ao dirigir também, como auxiliar, os gozos acessíveis, repetitivos, parciais e insuficientes, mas possíveis, dirige a libido.

tima do indivíduo. Mas seria um erro acreditar nisto. A hipótese lacaniana vai além da esfera íntima, ela se desenvolve no nível do coletivo e tem consequências no nível do conhecimento.

gam todo inconsciente coletivo. O inconsciente não é coletivo, ele carrega sempre uma verdade singular. No entanto, há uma junção entre os inconscientes individuais e o estado coletivo. A prova disto é que os

para gozar, a despeito da ausência de relação causada pela linguagem, mas ao avesso, goza-se com os significantes. Se se faz necessária uma prova, pensem no que é a poesia.

Pequeno parêntese: com o *Emílio*, J.J. Rousseau queria escrever o tratado, o romance de uma edu-

Heidegger frisa que o postulado da ciência é que "todo ente, toda realidade é pensada como objeto, sendo que o próprio indivíduo faz parte da realidade; ele é pensado, está posto como objeto em oposição a um sujeito que pensa este objeto".

vilização. Ele mirava, evidentemente, para o fato da linguagem. Numa primeira etapa, preconizava limitar as palavras, falar o menos possível, porque a partir do momento em que alguém fala, produz equívocos. Mas há um momento em que o tutor de Emílio, absolutamente ignorante do sexo, se dá conta de que é preciso iniciá-lo nos mistérios do sexo e fazer então uma preleção para lhe dizer-lhe do que se trata. Rousseau tentou, e dá seu testemunho nas *Confissões*, mas acaba por renunciar à parte sobre as regulações do sexo. Justifica-se pelo fato de que a língua francesa é a mais indecente das línguas. Com efeito, não se pode evitar sentidos equivocados e obscenos porque, uma vez colocada a palavra, a obscenidade surge. Ele percebeu que a própria língua é sexualizada, e que todas as palavras veiculam metáforas do gozo corporal.

Lacan lavrou uma fórmula dizendo: "lá onde o isso fala, isso goza". Outra tese afirma que para gozar temos o instrumento da linguagem. O problema não é somente onde "isso" fala; é que toda a atividade mental é impensável sem a linguagem. Em outras palavras: "o pensamento é gozo", outra fórmula de Lacan no seminário *Encore*, para dizer que o pensamento é libidinizado. Pois bem, vocês percebem que é a tese mais radicalmente anticognitivista que há. O postulado implícito do cognitivismo é o de que os aparelhos do conhecimento são separados dos aparelhos da libido. O cognitivismo entrou na psicanálise muito cedo, com Anna Freud. Ela descreveu em seu livro *O tratamento psicanalítico de crianças* as três linhas do desenvolvimento da criança: a linha de desenvolvimento da inteligência (o aparelho cognitivo), a linha de desenvolvimento das relações de objeto (o eixo do desejo) e a das pulsões (o que nós chamamos gozo). Anna Freud pensa que a inteligência se desenvolve separadamente dos outros registros.

Na psicologia encontramos um cognitivista *avant la lettre*: é Piaget. Finalmente o cognitivismo participa da metafísica da ciência. Eu os aconselharia ler o artigo de Heidegger "A época das concepções de mundo", que se encontra em *Caminhos que não levam a lugar algum*, onde ele fala do postulado da ciência e não de sua emergência. Heidegger frisa que o postulado da ciência é que "todo ente, toda realidade é pensada como objeto, sendo que o próprio indivíduo faz parte da realidade; ele é pensado, está posto como objeto em oposição a um sujeito que pensa este objeto". É também a tese de Lacan.

O postulado da ciência é, então, que se pode objetivar tudo o que existe, estudá-lo como um objeto. Mas, para isto, é preciso que os aparelhos do conhecimento não façam parte do campo objetual. Na hipótese lacaniana, há somente um aparelho: é a linguagem, que permite, simultaneamente, abordar a realidade e orientar o gozo. Neste sentido, é muito difícil sustentar que a realidade humana possa ser objetivada da mesma forma que a do mundo físico.

Portanto, o ideal de objetividade científica é a escolha de um modo de pensar, que é ao mesmo tempo uma escolha *sobre* o gozo e uma escolha *de* gozo. Eis por que não é impossível produzir interpretações de diferentes sistemas de pensar, quer sejam filosóficos ou científicos. Lacan diz: "A ciência é uma ideologia da supressão do sujeito.". A palavra ideologia, em sua conotação, traz a idéia de escolha, e portanto uma escolha de gozo. ■

#### NOTAS

1. N. da T.: Optei Optei por deixar o termo forjado por Lacan em francês. O equivalente a *parlêtre* seria *falasêr*.
2. N. da T.: Em francês, junção de *hystérie* e *histoire* (histeria e história).

cação mítica. Queria uma educação que produzisse um homem, um homem verdadeiro em sintonia com seu coração, não pervertido pela ci-